

Um século de teatro em Portugal

António Braz Teixeira

Luiz Francisco Rebello, *Três espelhos. Uma visão panorâmica do teatro português do liberalismo à ditadura (1820-1926)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Temas Portugueses, 2010, 576 pp.

Luiz Francisco Rebello (n. 1924) é, há mais de seis décadas, figura central e decisiva da vida teatral portuguesa, como um dos principais renovadores da nossa literatura dramática e como crítico e historiador do nosso teatro, de que é, de há muito, a mais reconhecida autoridade.

Desde a sua participação, em 1946, na fundação do Teatro Estúdio do Salitre, onde, no ano seguinte, se estreou a sua "fábula" num acto *O mundo começou às 5 e 47*, de matriz ainda expressionista, ao recente *O órfão de Deus* (2004-2005), ao longo de sessenta anos e vinte e três textos teatrais (reunidos em dois volumes de *Todo o teatro* (Lisboa, INCM, 1999 e 2006), em que avultam peças tão significativas como *O dia seguinte* (1949), *Alguém terá de morrer* (1954), *É urgente o amor* (1957), *Os pássaros de asas cortadas* (1958), *Condenados à vida* (1963), *Portugal, anos 40* (1982) ou *A desobediência* (1995), Luiz Francisco Rebello consolidou uma posição indiscutível de primeiro plano na dramaturgia portuguesa contemporânea.

A sua obra, pela sua sólida modernidade, conserva uma invulgar actualidade, devido, por um lado, à sua funda reflexão antropológico-metafísica sobre a condição e o destino do homem, centrada na análise ou na dimensão do microcosmo familiar e, por outro, à sobriedade e naturalidade da linguagem das suas peças, à densidade e à verdade humana e psicológica das suas personagens, ao seu profundo sentido teatral e à hábil condução da acção dramática.

Paralelamente a esta actividade de criação dramaturgica, desenvolveu o autor de *O fim na última página* um igualmente intenso trabalho no domínio, até então relativamente pouco explorado, da investigação da história do teatro português, iniciado com o ensaio sobre D. João da Câmara, publicado no segundo volume da *Perspectiva da literatura portuguesa do século XIX* (1948), dirigida por João Gaspar Simões, e prosseguido com obras igualmente relevantes e pioneiras como *Teatro português, do romantismo aos nossos dias* (1960), *Breve história do teatro português* (1968), *O primitivo teatro português* (1977), *O teatro naturalista e neo-romântico* (1979), *O teatro simbolista e modernista* (1979), *O teatro romântico em Portugal* (1980), *História do teatro de revista em Portugal* (1984-1985) ou *O teatro de Camilo* (1991), a que há que acrescentar as diversas antologias que organizou, prefaciou e anotou, como os três volumes de *Teatro português em um acto* (1997, 2003 e 2007) ou do *Teatro*

António Braz Teixeira é jurista, filósofo e docente universitário, tendo-se destacado no estudo da Filosofia do Direito e, em geral, na reflexão sobre a Filosofia Portuguesa. Ocupou cargos públicos, tendo sido Secretário de Estado da Cultura, Director do Teatro Nacional D. Maria II, Vice-Presidente do Conselho de Gerência da Radiotelevisão Portuguesa e, mais recentemente, Presidente da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, onde dinamizou a publicação de livros de e sobre teatro, bem como obras de pensadores e filósofos portugueses e brasileiros.



romântico português. O drama histórico (2007), primeiro de uma série que cobrirá todo o século XIX e o início do seguinte.

Uma terceira vertente da múltipla actividade de Luiz Francisco Rebello diz respeito à divulgação crítica do teatro contemporâneo, começada com o volume (também acompanhado de esclarecedora antologia) *Teatro moderno: caminhos e figuras* (1957), a que se sucederam *Imagens do teatro contemporâneo* (1961), *O jogo dos homens* (1971), *Fragmentos de uma dramaturgia* (1994) e *O palco virtual* (2004), cabendo não esquecer o interessante volume de memórias *O passado na minha frente* (2004), que contém abundante informação sobre mais de meio século de vida teatral e cultural portuguesa, bem como a relevantíssima acção que desenvolveu, durante mais de trinta anos, como presidente da Sociedade Portuguesa de Autores ou no campo do direito de autor, de que continua a ser o nosso maior e mais experimentado especialista.

A simples consideração dos títulos que compõem a sua bibliografia não poderá deixar de concluir que, sem prejuízo de haver procurado atender ao integral trajecto histórico do teatro português, desde o seu início, nos



séculos medievais, até à mais recente actualidade, a atenção historiográfica e hermenêutica de Luiz Francisco Rebello privilegiou os últimos dois séculos, com particular destaque para o tempo que decorreu desde o triunfo da revolução liberal de 1820 até meados do século findo.

É, precisamente, de quase todo este período que se ocupam as cerca de seis centenas de páginas deste *Três espelhos*, cujo subtítulo esclarece tratar-se de uma "visão panorâmica do teatro português do liberalismo à ditadura (1820-1926)".

Justificando o título escolhido para esta brilhante síntese sobre cem anos de teatro português, lembra, preambularmente, o autor que a "metáfora do teatro como espelho (...), explícita ou implícita, é transversal a toda a história da arte dramática", sendo para ela que remete a *mimesis* aristotélica, definida, na *Poética* de Estagirita, como "imitação ou reprodução duma acção (*praxis*) ou conjunto de acções estruturadas numa fábula (*mythos*)", noção que, para Luiz Francisco Rebello, além de se apresentar como nuclear nas dramaturgias ocidentais, não é delas exclusivo, uma vez que se encontra, igualmente, nas manifestações teatrais do extremo oriente, apesar de estas se "regerem por outros códigos e se inscreverem noutros sistemas signíficos".

Assim, prossegue o autor, "a relação ancestral entre o teatro e o mundo, o mesmo é dizer entre o espelho que reflecte e o objecto reflectido, analisa-se como uma relação dialéctica, em que a imagem será (...) a síntese resultante do confronto entre dois contrários". Deste modo o teatro, tendo embora a realidade como referente, não se confunde com ela nem a duplica e nem vem a substituí-la, mas interpela-a, atribuindo-lhe um significado.

Cumprir não esquecer, no entanto, que o que há de específico no teatro ou no género dramático, marca indissolúvel da sua origem de celebração de natureza religiosa, é o ser elo, como disse Artaud, "um acto sagrado, que implica tanto aquele que o vê como aquele que o executa", é envolver, sempre, "uma relação triádica entre o texto, a cena e o público".

É esta ideia que explica a estrutura do presente volume, cuja primeira parte, dividida em três capítulos – o *espelho retrovisor*, o *espelho reflector* e o *espelho translaticio* – se centra no texto dramático, na dimensão textual e literária do teatro ou na literatura dramática, enquanto a segunda, que se distribui, igualmente, por três capítulos – *diz-se com música*, *os lugares da representação* e *os modos de representação* – aborda as outras dimensões do acto teatral, desde o teatro musical ou musicado (opereta, mágica, revista), até aos teatros enquanto espaços de representação e aos actores e aos processos de representação.

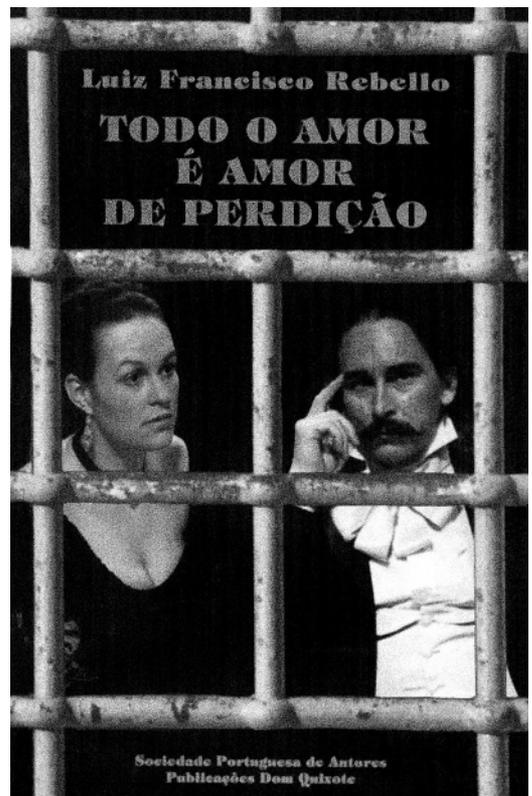
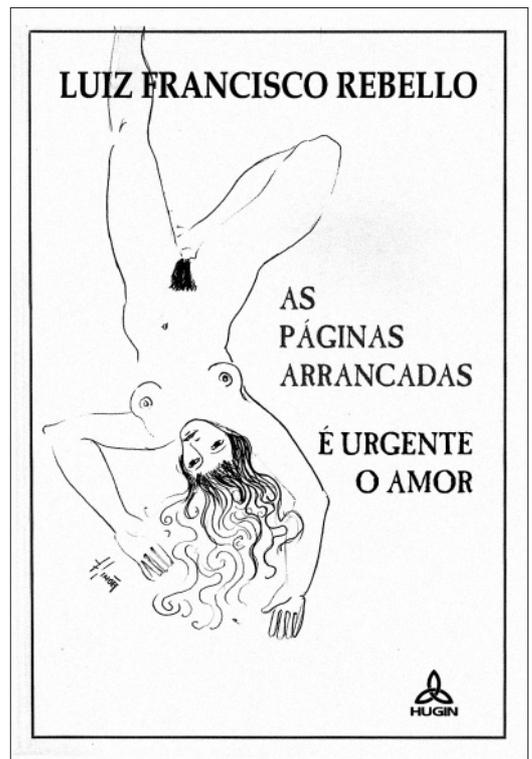
Os *três espelhos* a que o título alude correspondem,

respectivamente, ao teatro romântico, ao teatro naturalista / realista e ao teatro decadentista / simbolista, informando o autor consistir esta primeira parte do livro, em larga medida, numa refundição e ampliação dos volumes da infelizmente extinta Biblioteca Breve, editada pelo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (imediato antecessor do actual Instituto Camões) dedicados àqueles três momentos da nossa história teatral, bem como dos prefácios aos quatro volumes antológicos que preparou para a Imprensa Nacional-Casa da Moeda e de que, até à data, apenas o primeiro, dedicado ao drama histórico romântico, se encontra publicado.

Por outro lado, a concepção especular e espectacular do fenómeno teatral que preside à sua obra historiográfica e a relação substantiva que nela se estabelece ou pressupõe entre teatro e mundo, cuja realidade aquele reflecte, criadora e simbolicamente, explica que, como acontecia nos trabalhos anteriores de Luiz Francisco Rebello, a sua compreensão hermenêutica do sentido da realidade cultural que é o teatro não possa ignorar ou abstrair da concreta realidade social e política de cada tempo ou de cada época, cujos traços essenciais são aqui enunciados ou lembrados, procurando o autor mostrar o modo como essa realidade se reflectiu no teatro e como este a reflectiu e, de certo modo, a viveu ou procurou agir criticamente sobre ela, visando corrigi-la, alterá-la ou transformá-la.

A parte mais inovadora deste volume, exigente e depurada condensação de toda uma vida de investigação, de constante reescrita e aperfeiçoamento de sínteses que se sabiam relativa e inevitavelmente provisórias, é a segunda, que procura alargar o respectivo âmbito a todas as dimensões do teatro como "obra de arte total" ou englobante. Se, como honestamente reconhece Luiz Francisco Rebello, há ainda aqui uma desproporção entre o espaço concedido a estas outras dimensões do teatro e o atribuído ao seu elemento literário ou textual, em claro benefício deste, isso deve-se, por um lado, à circunstância de, no período histórico aqui considerado, "o que prevalecia era uma concepção textocêntrica da prática teatral", e, por outro, à escassez de informação sobre a maioria dos restantes aspectos ou dimensões do teatro, como seja a que se refere aos actores ou aos modos de representação, matérias em que a investigação tem, necessariamente, de limitar-se a cotejar ou confrontar as apreciações exaustivas da crítica da época, uma vez que são praticamente inexistentes os registos fonográficos ou cinematográficos dos espectáculos.

Livro síntese e cume de uma vida generosamente dedicada ao "honesto estudo" da história do teatro português, estes *Três espelhos*, tal como a sua obra historiográfica anterior, passam a constituir fundamental e impostergável obra de referência dos futuros estudos do nosso teatro e da nossa vida teatral no século que transcorreu entre a revolução liberal de 1820 e o fracasso da primeira experiência republicana, nele avultando as qualidades a que, de há muito, Luiz Francisco Rebello nos



habitou: a clareza, o rigor e a elegância do estilo, pontuado de subtil e discreta ironia, o ponderado equilíbrio dos juízos, a atitude crítica empaticamente compreensiva da situação valorativa das obras e dos autores, o lúcido amor ao teatro que o leva a procurar resgatar de um injusto esquecimento alguns textos merecedores, ainda hoje, da prova decisiva do palco em que a vida imaginada se torna acto, no corpo e na voz dos actores.